

E.H. Gombrich

UMA PEQUENA
HISTÓRIA DO
MUNDO



TRADUÇÃO DE RAQUEL MOUTA
ILUSTRAÇÕES DE VERA TAVARES

LISBOA:
TINTA-DA-CHINA
MMIX

© 2006, Edições tinta-da-china, Lda.
Rua João de Freitas Branco, 35A,
1500-627 Lisboa
Tels: 21 726 90 28/9 | Fax: 21 726 90 30
E mail: info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

© 1985, DuMont Literatur und Kunst Verlag
GmbH und Co. KG, Colónia, Alemanha
Título original alemão: *Eine kurze Weltgeschichte für junge Leser*
que é uma versão revista do título *Weltgeschichte von der
Urzeit bis zur Gegenwart*, de Ernst H. Gombrich, 1.^a edição de 1935 por
Steyrermühl-Verlag, Viena.

Autor: Ernst H. Gombrich
Tradução: Raquel Mouta
Ilustrações: Vera Tavares
Revisão: Tinta-da-china
Capa: Olímpio Ferreira (com adaptação)
Composição: Vera Tavares, a partir do
projecto original de Olímpio Ferreira

Edição de Bolso
1.^a Edição: Janeiro de 2009
1.^a Reimpressão: Março de 2009
ISBN 978-972-8955-90-8
Depósito Legal n.º 287039/08

Für Ilse

Wie Du stets Dir's angehört

Also stets Dir's angehört

[Para Ilse

Como sempre o ouviste

Assim sempre te pertencerá]

Índice

PREFÁCIO	19
1 ERA UMA VEZ	25
O passado e a memória — Antes de haver pessoas — Criaturas parecidas com dragões — A Terra sem vida — O Sol sem Terra — O que é a História?	
2 OS MAIORES INVENTORES DE TODOS OS TEMPOS	29
O maxilar de Heidelberg — O Homem de Neandertal — Pré-História — O fogo — As ferramentas — Homens das cavernas — Linguagem — Pintura — Magia — A Idade do Gelo e a Idade da Pedra — Construções sobre estacas — A Idade do Bronze — Pessoas como tu e eu	
3 A TERRA JUNTO AO NILO	35
O rei Menés — Egito — Um hino ao Nilo — Faraós — Pirâmides — A religião dos antigos Egípcios — A Esfinge — Hieróglifos — O papiro — Revolução no velho reino — Reformas de Akhenaton	
4 DIAS DA SEMANA	42
A Mesopotâmia hoje em dia — As escavações em Ur — Tabuinhas de argila e escrita cuneiforme — O Código de Hamurabi — O culto das estrelas — A origem dos dias da semana — A Torre de Babel — Nabucodonosor	
5 O DEUS ÚNICO	49
Palestina — Abraão de Ur — O Dilúvio — O cativo de Moisés no Egito e o ano da fuga do Egito — Saul, David, Salomão — A divisão do reino — A destruição de Israel — Os profetas falam — O Cativo na Babilónia — O Regresso — O Antigo Testamento e a fé no Messias	

- 6 E-U S-E-I L-E-R 54
Escrever com o alfabeto — Os Fenícios e os seus entrepostos comerciais
- 7 OS HERÓIS E AS SUAS ARMAS 56
Os poemas de Homero — As escavações de Schliemann —
Os reis piratas — Creta e o labirinto — A migração dos Dórios —
Os cânticos dos heróis — As tribos gregas e as suas colónias
- 8 UMA LUTA DESIGUAL 62
Os Persas e a sua fé — Ciro conquista a Babilónia — Cambises
no Egipto — O império de Dario — A revolta dos Jónios —
A primeira expedição punitiva — A segunda expedição punitiva
e a Batalha de Maratona — A campanha de Xerxes — Termópilas —
A Batalha de Salamina
- 9 DUAS CIDADES PEQUENAS NUMA TERRA PEQUENA 70
Os Jogos Olímpicos — O Oráculo de Delfos — Esparta e a educação
espartana — Atenas — Drácon e Sólon — A Assembleia do Povo e
os tiranos — O tempo de Péricles — Filosofia — Escultura e pintura
— Architectura — Teatro
- 10 O ILUMINADO E A TERRA ONDE VIVEU 77
Índia — Mohenjo Daro, uma cidade do tempo de Ur — As migrações
indianas — Línguas indo europeias — Castas — Brama e a
transmigração das almas — «Isto és tu» — O Príncipe Gautama —
A Iluminação — A libertação do sofrimento — Nirvana —
Os seguidores de Buda
- 11 O GRANDE MESTRE DE UM GRANDE POVO 84
A China no tempo antes de Cristo — O Imperador da China e os
príncipes — O significado da escrita chinesa — Confúcio —
A importância dos usos e costumes — A família — Soberano e
súbdito — Lao Tsé — O Tao

- 12 A MAIOR AVENTURA DE TODAS 90
A Guerra do Peloponeso — A Guerra de Delfos — Filipe da Macedónia — A Batalha de Queroneia — O declínio do Império Persa — Alexandre, *o Grande* — A destruição de Tebas — Aristóteles e o seu conhecimento — Diógenes — A conquista da Ásia Menor — O Nó Górdio — A Batalha de Isso — A conquista de Tiro e a conquista do Egipto — Alexandria — A Batalha de Gaugamela — A expedição à Índia — Poros — Alexandre, senhor do Oriente — A morte de Alexandre e os seus sucessores — Helenismo — A biblioteca de Alexandria
- 13 NOVAS GUERRAS E NOVOS GUERREIROS 101
Itália — Roma e o mito da fundação de Roma — Luta entre classes — As doze tábuas da lei — O carácter dos Romanos — Os Gauleses invadem Roma — A conquista da Itália — Pirro — Cartago — A Primeira Guerra Púnica — Aníbal — A travessia dos Alpes — Quinto Fábio Máximo — Canas — O último apelo às armas — A vitória de Cipião sobre Aníbal — A conquista da Grécia — Catão — A destruição de Cartago
- 14 UM INIMIGO DA HISTÓRIA 109
O imperador Qin Shi Huangdi — A destruição dos livros pelo fogo — Os príncipes de Qin e o nome da China — A Grande Muralha da China — A família imperial dos Han — Funcionários instruídos
- 15 SENHORES DO MUNDO OCIDENTAL 112
Províncias romanas — Estradas e aquedutos — Legiões — Os dois Graco — Pão e circo — Mário — Os Cimbro e os Teutões — Sila — Gladiadores — Júlio César — As Guerras da Gália — Vitória na guerra civil — Cleópatra — A reforma do calendário — O assassinato de César — Augusto e o império — As artes
- 16 A BOA NOVA 120
Jesus Cristo — Os ensinamentos de São Paulo — A cruz — São Paulo escreve aos Coríntios — O culto do imperador — Nero

— Roma em chamas — As primeiras perseguições aos Cristãos —
As catacumbas — Tito destrói Jerusalém — A diáspora dos Judeus

- 17 A VIDA DENTRO DO IMPÉRIO E NAS SUAS FRONTEIRAS 126
Casas pobres e casas ricas — Termas — O Coliseu — Os Germanos
— Armínio e a Batalha da Floresta de Teutoburgo — O *Limes* —
Os soldados e os deuses que eles adoravam — As expedições de
Trajano à Dácia — As batalhas de Marco Aurélio junto a Viena —
Imperadores-guerreiros — O declínio de Roma — A expansão do
cristianismo — As reformas de Diocleciano — A última perseguição
aos Cristãos — Constantino — A fundação de Constantinopla —
A divisão do império — O cristianismo torna-se a religião oficial
do Estado
- 18 A TEMPESTADE 133
Os Hunos — Os Visigodos — As migrações — Átila — Leão,
o Grande — Rómulo Augústulo — Odoacro e o fim da Antiguidade
— Os Ostrogodos e Teodorico — Ravena — Justiniano —
O Corpo de Leis Cíveis de Justiniano e Santa Sofia — O fim dos
Godos — Os Lombardos
- 19 O PRINCÍPIO DA NOITE ESTRELADA 140
«A Idade das Trevas»? — Crença e superstição — Estilitas —
Benedictinos — A salvaguarda da herança da Antiguidade —
A importância dos mosteiros do Norte — O baptismo de Clóvis —
O papel do clero no reino merovíngio — Bonifácio
- 20 NÃO HÁ DEUS SENÃO ALÁ, E MAOMÉ É O SEU PROFETA 146
O Deserto da Arábia — Meca e a Caaba — As origens e a vida de
Maomé — Perseguição e fuga — Medina — A guerra contra Meca
— O último sermão — A conquista da Palestina, da Pérsia e do
Egipto — O incêndio da Biblioteca de Alexandria — O cerco de
Constantinopla — As conquistas do Norte de África e da Hispânia
— As Batalhas de Tours e de Poitiers — A cultura árabe —
Os algarismos árabes

- 21 UM CONQUISTADOR QUE SABIA GOVERNAR 155
Os Merovíngios e os seus administradores — O reino dos Francos — As batalhas de Carlos Magno na Gália, Itália e Hispânia — Os Ávaros — Batalhas contra os Saxões — As canções dos heróis — A coroação do imperador — Os embaixadores de Harun al-Rachid — A divisão e o declínio do império carolíngio — Svatopluk — Os Vikings — Os reinos dos Normandos
- 22 A LUTA PELO DOMÍNIO DA CRISTANDADE 162
O Oriente e o Ocidente na época carolíngia — O desabrochar da cultura na China — A invasão magiar — O rei Henrique — Otto, *o Grande* — A Áustria e a família dos Babenberg — O feudalismo e a servidão — Hugo Capeto — Os Dinamarqueses em Inglaterra — Nomeações religiosas — A Controvérsia da Investidura — Gregório VII e Henrique IV — Canossa — Robert Guiscard e Guilherme, *o Conquistador*
- 23 CAVALEIROS CAVALHEIRESCOS 170
Cavaleiros e cavalaria — Castelos — Servos — Pagens, escudeiros e cavaleiros — Os deveres de um cavaleiro — Trovadores — Torneios — Poesia cavaleiresca — A *Canção dos Nibelungos* — A Primeira Cruzada — Godofredo de Bouillon e a conquista de Jerusalém — A importância das cruzadas
- 24 IMPERADORES NA IDADE DA CAVALARIA 177
Frederico Barbarossa — A troca directa e a economia monetária — Cidades italianas — O império — A resistência e a derrota de Milão — O banquete de Mainz em que se armaram cavaleiros — A Terceira Cruzada — Frederico II — Guelfos e Guibelinos — Inocêncio III — A Magna Carta — Os soberanos da Sicília — O fim dos Hohenstaufen — Gengis Khan e a invasão mongol — A ausência de um imperador e a lei do mais forte — A lenda de Kyffhäuser — Rodolfo de Habsburgo — Vitória sobre Otocar — Estabelece-se o poder da Casa dos Habsburgos

- 25 CIDADES E BURGUESES 189
Mercados e cidades — Mercadores e cavaleiros — Guildas —
A construção de catedrais — Frades mendicantes e pregadores da
penitência — A perseguição dos Judeus e dos hereges — O Cativoiro
Babilónico dos Papas — A Guerra dos Cem Anos em Inglaterra —
Joana D'Arc — A vida na corte — Universidades — Carlos IV e
Rodolfo, *o Fundador*
- 26 UMA NOVA ERA 197
Os burgueses de Florença — Humanismo — O renascimento da
Antiguidade — O florescimento da arte — Leonardo da Vinci —
Os Medici — Os papas do Renascimento — Novas ideias na
Alemanha — A arte da impressão — Pólvora — A queda de Carlos,
o Temerário — Maximiliano, o último cavaleiro — Mercenários
— As guerras da Itália — Maximiliano e Dürer
- 27 UM NOVO MUNDO 206
A bússola — Espanha e a conquista de Granada — Colombo e
Isabel — A descoberta da América — A Idade Moderna — O destino
de Colombo — Os conquistadores — Fernando Cortez — México
— A queda de Montezuma — Os Portugueses na Índia
- 28 UMA NOVA FÉ 215
A construção da Igreja de São Pedro — As teses de Lutero —
O precursor de Lutero, João Huss — A queima da bula papal —
Carlos V e o seu império — A pilhagem de Roma — A Dieta de
Worms — Lutero em Wartburg — A tradução da Bíblia — Zwingli
— Calvino — Henrique VIII da Inglaterra — As conquistas turcas
— A divisão do império
- 29 A IGREJA EM GUERRA 223
Inácio de Loyola — O Concílio de Trento — A Contra-Reforma —
O Massacre do Dia de S. Bartolomeu — Filipe de Espanha —
A Batalha de Lepanto — A revolta dos Países Baixos — Isabel de
Inglaterra — Mary Stuart — O naufrágio da Armada Invencível

— Entrepostos comerciais ingleses na América — As Companhias das Índias Orientais — O princípio do Império Britânico

- 30 TEMPOS TERRÍVEIS 229
A Defenestração de Praga — A Guerra dos Trinta Anos — Gustavo Adolfo — Wallenstein — A paz de Vestefália — A devastação da Alemanha — A perseguição das bruxas — O nascimento de um entendimento científico do mundo — As leis da natureza — Galileu e o seu julgamento
- 31 UM REI AZARADO E UM REI SORTUDO 236
O rei da família Stuart, Carlos I — Cromwell e os Puritanos — A ascensão da Inglaterra — O ano da Gloriosa Revolução — A prosperidade da França — As políticas de Richelieu — Mazarin — Luís XIV — O levantar do rei — Versalhes — Fontes de riqueza do Governo — A miséria dos camponeses — Guerras predatórias
- 32 ENTRETANTO, NO LESTE DA EUROPA... 243
Conquistas turcas — Insurreição na Hungria — O cerco de Viena — Jan Sobieski e a libertação de Viena — Príncipe Eugénio — Ivan, *O Terrível* — Pedro, *o Grande* — A fundação de São Petersburgo — Carlos XII da Suécia — A cavalgada para Stralsund — A expansão do poderio russo
- 33 UMA ERA MESMO NOVA 251
O Iluminismo — Tolerância, razão e humanidade — Crítica do Iluminismo — A ascensão da Rússia — Frederico, *o Grande* — Maria Teresa — O exército prussiano — A Grande Coligação — A Guerra dos Sete Anos — José II da Áustria — A abolição da escravatura — Reformas apressadas — A Guerra da Independência da América — Benjamin Franklin — Direitos humanos e escravos negros
- 34 UMA REVOLUÇÃO MUITO VIOLENTA 259
Catarina, *a Grande* — Luís XV e Luís XVI — A vida na corte —

Justiça e a nobreza latifundiária — O Rococó — Maria Antonieta — A convocação dos Estados Gerais — A invasão da Bastilha — A soberania do povo — A Assembleia Nacional — Os Jacobinos — Aguilhotina e o Tribunal Revolucionário — Danton — Robespierre — O Reinado do Terror — A condenação do rei — A derrota dos estrangeiros — Razão — O Directório — As repúblicas vizinhas

- 35 O ÚLTIMO CONQUISTADOR 267
Napoleão na Córsega — A ida para Paris — A conquista de Itália — A expedição ao Egipto — O golpe de Estado — O consulado e o Código Napoleão — O imperador dos Franceses — Vitória em Austerlitz — O fim do Sacro Império Romano-Germânico — Francisco I da Áustria — O Bloqueio Continental — Vitória sobre a Rússia — Espanha e a resistência espanhola — Aspern e Wagram — A insurreição alemã — O grande exército — A retirada de Moscovo — A Batalha de Leipzig — O Congresso de Viena — Napoleão regressa de Elba — Waterloo — Santa Helena
- 36 HOMENS E MÁQUINAS 280
A época do cidadão de classe média — Motores a vapor, barcos a vapor, locomotivas, o telégrafo — Máquinas rotativas e teares mecânicos — Carvão e ferro — Luditas — Ideias socialistas — Marx e a teoria da luta de classes — Liberalismo — As revoluções de 1830 e 1848
- 37 DO OUTRO LADO DO MAR 289
A China antes de 1800 — A guerra do ópio — A Revolução Taiping — A submissão da China — O Japão em 1850 — A revolução de apoio ao *mikado* — A modernização do Japão com ajuda externa — A América depois de 1776 — Os estados escravagistas — O Norte — Abraham Lincoln — A Guerra Civil
- 38 DOIS NOVOS ESTADOS NA EUROPA 297
A Europa depois de 1848 — O imperador Francisco José e a Áustria — A Confederação Germânica — A França sob Napoleão III —

A Rússia — O declínio da Espanha — A libertação dos povos dos Balcãs — A luta por Constantinopla — O reino da Sardenha — Cavour — Garibaldi — Bismarck — A reforma do exército à revelia da Constituição — A Batalha de Königgrätz — Sedan — A fundação do Império Alemão — A Comuna de Paris — As reformas sociais de Bismarck — A destituição do Chanceler de Ferro

39 A DIVISÃO DO MUNDO

306

Indústria — Mercados e fontes de matérias-primas — Grã-Bretanha e França — A Guerra Russo Japonesa — Itália e Alemanha — A corrida à mobilização — A Áustria e o Oriente — O desencadear da Primeira Guerra Mundial — Novas armas — Revolução na Rússia — A intervenção dos Americanos — Os termos da paz — Progresso científico — Fim

40 UMA PEQUENA PARTE DA HISTÓRIA DO MUNDO

QUE EU PRÓPRIO VIVI: OLHAR PARA TRÁS

316

O crescimento da população mundial — A derrota das potências da Europa Central durante a Primeira Guerra Mundial — incitamento das massas — O desaparecimento da tolerância da vida política na Alemanha, Itália, Japão e União Soviética — Crise económica e começo da Segunda Guerra Mundial — Propaganda e realidade — O genocídio dos Judeus — A bomba atómica — As bênçãos da ciência — O colapso do sistema comunista — O esforço de ajuda internacional como fonte de esperança

O AUTOR

341

Era uma vez



Todas as histórias começam com «Era uma vez». A nossa história também vai começar assim. Ainda deves lembrar-te de quando eras tão pequeno que mal conseguias chegar com a cabeça à mão da tua mãe, mesmo em bicos de pés. Lembraste desse tempo? A história da tua vida podia começar assim: «Era uma vez um menino» — ou uma menina — «e esse menino era eu». Mas antes disso, eras um bebé de berço. Não deves lembrar-te disso, mas sabes que é verdade. O teu pai e a tua mãe também já foram pequenos, assim como o teu avô e a tua avó, há muito mais tempo atrás, mas tu também sabes disso. Até dizemos que eles são velhos. Só que eles também tiveram avôs e avós e também poderiam dizer: «Era uma vez». Assim se anda para trás no tempo, para um passado cada vez mais distante. Por trás de cada «Era uma vez», há sempre outro. Já alguma vez te puseste entre dois espelhos? É engraçado. Vê-se uma longa linha de espelhos brilhantes, cada vez mais pequenos, que se prolongam até ao horizonte, cada vez menos nítidos, de forma que nunca se chega a ver o último. Mesmo que não dê para ver mais nenhum, sabe-se que os espelhos estão lá, uns atrás dos outros.

É isso que se passa com o «Era uma vez». Não se consegue ver onde acaba. O avô do avô do avô do avô... Até põe a cabeça à roda. Mas se repetires devagar, consegues ficar com uma ideia. Então, junta mais um avô. Depressa se vai para o passado e, daí, para o passado distante. Só que nunca se consegue chegar

ao princípio porque, por trás de cada princípio, existe sempre outro «Era uma vez».

É como um poço sem fundo. Olhar lá para baixo deixa-te a cabeça à roda? A mim, deixa. Vamos então pôr um bocado de papel a arder e deixá-lo cair nesse poço. O papel vai caindo devagarinho, descendo cada vez mais. À medida que cai, o papel vai iluminando as paredes do poço. Consegue ver? O papel vai descendo cada vez mais. Agora já está tão fundo que parece uma estrela minúscula nas profundezas escuras. Cada vez fica mais pequeno e mais pequeno... e desaparece.

A nossa memória é como este bocado de papel. É com ela que nós iluminamos o passado. Primeiro, o nosso próprio passado e depois pedimos a pessoas mais velhas para nos contarem aquilo de que se lembram. Em seguida, tentamos encontrar cartas escritas por pessoas que já morreram. Dessa maneira, iluminamos o nosso caminho para trás. Há edifícios que só servem para guardar velhos pedaços de papel em que as pessoas escreveram no passado, e que se chamam arquivos. Nesses edifícios, estão cartas que foram escritas há centenas de anos. Uma vez encontrei num arquivo uma carta que dizia só isto: «Querida Mamã, ontem comemos umas trufas deliciosas, beijinhos do Guilherme». O Guilherme era um pequeno príncipe que viveu em Itália há quatrocentos anos. As trufas são um tipo especial de cogumelos.

Só conseguimos ver as coisas de relance, porque a nossa luz cai cada vez mais depressa: mil anos... cinco mil anos... dez mil anos. Mesmo nessa época havia crianças que gostavam de comer coisas boas. Ainda não sabiam era escrever cartas. Vinte mil... cinquenta mil... e mesmo nessa altura as pessoas diziam, como nós, «Era uma vez». A nossa memória-luz está a ficar cada vez mais pequena... e desaparece. Sabemos que ela continua a cair, para um tempo muito mais distante, quando ainda não havia pessoas e as montanhas eram diferentes. Algumas eram mais altas, mas com a chuva foram-se transformando em colinas. Outras montanhas nem sequer existiam. Foram ficando

cada vez mais altas, saindo devagarinho do mar, ao longo de milhões e milhões de anos.

No entanto, ainda antes das montanhas havia animais, muito diferentes dos que há hoje em dia. Eram gigantes e pareciam dragões. E como é que nós sabemos disso? Às vezes, encontram-se ossos desses animais, em camadas fundas do chão. Quando eu era pequeno vivia em Viena e costumava visitar o Museu Nacional de História. Adorava ficar a olhar para o esqueleto de uma criatura gigante chamada Diplodoco. É um nome estranho, mas a criatura ainda era mais estranha. Não cabia num quarto, nem em dois. Era da altura de uma árvore muito alta e tinha uma cauda do tamanho de meio campo de futebol. Imagina só o barulho que devia fazer quando andava pela floresta primitiva a comer!

Ainda não chegámos ao princípio. É preciso andar muito mais tempo para trás, milhares de milhões de anos. É fácil de dizer, mas pára um bocado para pensar. Sabes quanto tempo dura um segundo? Dura o tempo que se leva a contar: um, dois, três. E quanto tempo duram mil milhões de segundos? Trinta e dois anos! Agora tenta imaginar mil milhões de anos! Nesse tempo, não havia animais gigantes, só criaturas parecidas com caracóis e minhocas. Antes disso, nem plantas havia. A Terra inteira era um vazio sem forma. Não havia nada. Nem uma árvore, nem um arbusto, nem uma folha de erva, nem uma flor, nada de verde. Só um deserto de pedras e o mar. Um mar vazio, sem peixes, sem conchas nem algas. Mas experimenta ouvir as ondas... o que é que elas dizem? «Era uma vez...» Era uma vez uma Terra que se calhar não passava de uma nuvem densa de gás e poeira parecida com aquelas nuvens muito maiores que hoje em dia vemos pelos nossos telescópios. Durante biliões e triliões de anos, sem rochas, sem água, nem vida, essa nuvem densa de gás e poeira rodou à volta do Sol. E antes disso? Antes disso, nem o Sol, o nosso querido Sol, existia. Só havia estrelas gigantes estranhas e espectaculares e corpos celestes mais pequenos, a rodopiar no meio das nuvens de gás num universo sem fim.

Dias da Semana



Existem sete dias na semana. Não é preciso lembrar os nomes desses dias porque toda a gente os sabe. Mas será que fazes ideia de onde e quando é que os dias passaram a ter um nome? Ou quem foi o primeiro a ter a ideia de os organizar em semanas, para que não passassem uns atrás dos outros, sem nome nem ordem, como acontecia para os homens da Pré-História? Não foi no Egipto, mas noutra país também muito quente, onde, em vez de um rio, havia dois: o Tigre e o Eufrates. Como a parte mais importante desse país se encontrava entre os dois rios, o país chamava-se Mesopotâmia, o que em grego significa terra «entre os rios». A Mesopotâmia não se situava em África, mas na Ásia, só que não estava muito longe da nossa parte do mundo, numa região chamada Médio Oriente, num país a que hoje chamamos Iraque. Os rios Tigre e Eufrates juntam-se e depois desaguam no golfo Pérsico.

Imagina uma planície enorme, atravessada por estes dois rios. Uma terra quente, com pântanos e enchentes repentinas. Aqui e acolá, no meio da planície, há alguns montes. Quem lá escavar descobre que não são nada montes. Primeiro, encontram-se muitos tijolos e cascalho, e, quando se escava mais fundo, acaba-se por encontrar muralhas altas e robustas. Na realidade, estes montes são cidades em ruínas, com ruas longas e direitas, casas, palácios, templos altos. Só que, ao contrário dos templos e das pirâmides de pedra dos Egípcios, foram construídas com tijolos cozidos ao sol que se partem e

desfazem com o passar do tempo, e acabam por transformar-se em grandes amontoados de cascalho.

Um desses amontoados, que se ergue no deserto, é tudo o que sobra da Babilónia, que chegou a ser a cidade mais grandiosa da Terra, uma cidade que fervilhava com pessoas vindas de todos os cantos do mundo para lá comerciarem os seus produtos. Mais para perto da nascente dos rios, no sopé das montanhas, havia outra cidade. Era Nínive, a segunda maior cidade da Terra. A Babilónia era a capital dos Babilónios — o que é fácil de memorizar — e Nínive era a dos Assírios.

Ao contrário do Egipto, era raro a Mesopotâmia ser governada por um rei só. Lá não houve nenhum império que se aguentasse durante muito tempo com fronteiras certas. Houve muitas tribos e muitos reis que estiveram no poder em alturas diferentes. As tribos mais importantes foram os Sumérios, os Babilónios e os Assírios. Durante muito tempo, pensou-se que os Egípcios foram o primeiro povo a ter o que se chama cultura: cidades e comerciantes, nobreza e reis, templos e sacerdotes, administradores e artistas, escrita e conhecimentos técnicos.

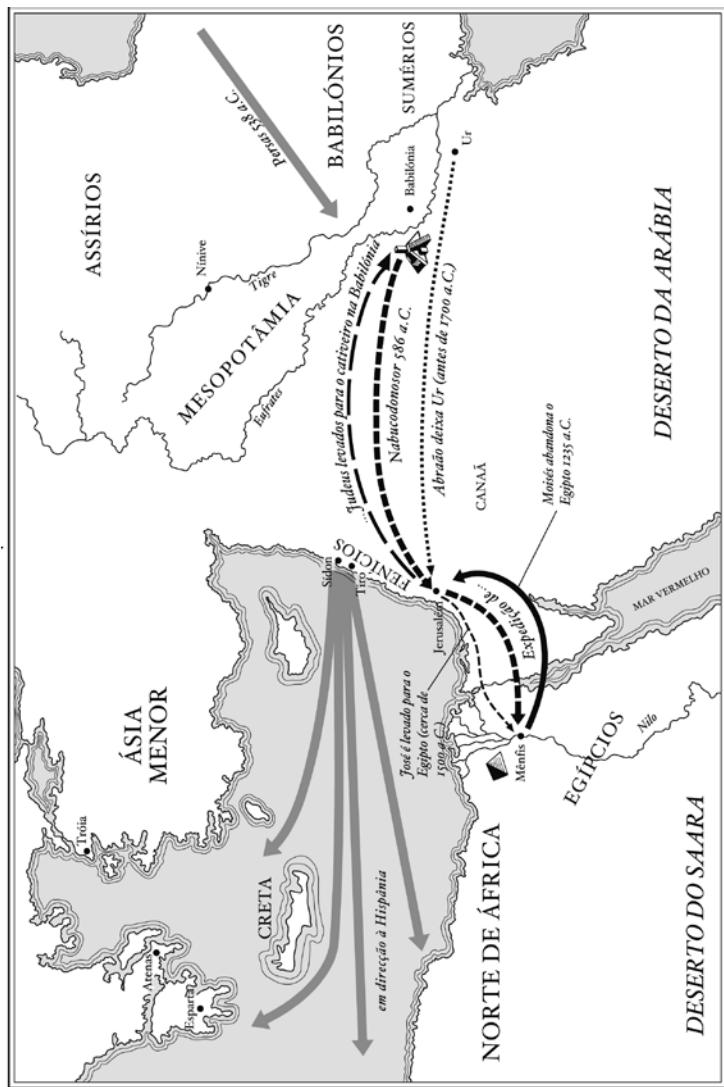
Hoje em dia sabe-se que, em certos aspectos, os Sumérios eram mais avançados do que os Egípcios. As escavações realizadas naqueles montes de cascalho nas planícies junto ao golfo Pérsico revelaram que as pessoas que lá viveram já sabiam fazer tijolos de barro e construir casas e templos por volta de 3100 a.C. Bem no interior de um dos montes mais altos, descobriram-se as ruínas da cidade de Ur, onde, segundo a Bíblia, nasceu Abraão. Também se descobriram muitos túmulos que parecem ser da mesma época da Grande Pirâmide de Quéops, no Egipto. Ao contrário dessa pirâmide, estes túmulos estavam cheios de tesouros extraordinários. Toucados de ouro maravilhosos e vasos de ouro para sacrifícios, elmos e adagas de ouro incrustados com pedras semipreciosas. Harpas magníficas decoradas com cabeças de touro e — não vais acreditar — um tabuleiro de jogo, muito bem feito e parecido com um tabuleiro de xadrez. O explorador que desco-

briu estes tesouros levou grande parte deles para Inglaterra, onde ainda hoje é possível admirá-los no Museu Britânico. Há outros que estão na Universidade da Pensilvânia e no Museu de Bagdade, no Iraque.

Nesses túmulos, também se encontraram sinetes e placas de argila com inscrições. Só que as inscrições não eram feitas em hieróglifos, mas numa escrita completamente diferente que, para além de tudo o resto, era ainda mais difícil de decifrar. Em vez de imagens, as placas apresentavam traços realizados com uma incisão única e distinta, rematada por um pequeno triângulo ou cunha. Esta escrita chama-se *cuneiforme*, o que quer dizer em forma de cunha. Os habitantes da Mesopotâmia desconheciam os livros feitos de papiro. Escreviam estes sinais em placas de argila húmida, que depois era cozidas em fornos. Houve um grande número destas placas antigas que foram descobertas, e algumas delas contam histórias longas e maravilhosas, como a do herói Gilgamesh e das batalhas que travou com monstros e dragões. Há outras placas em que os reis se vangloriam dos seus feitos: os templos que construíram para toda a eternidade e todas as nações que conquistaram.

Também se descobriram placas em que os mercadores anotavam as trocas comerciais — contratos, recibos e inventários de bens — e graças a elas ficámos a saber que, antes dos Babilónios e dos Assírios, já os antigos Sumérios eram grandes comerciantes. Os mercadores sumérios tinham facilidade em fazer cálculos e sabiam muito bem qual era a diferença entre o legal e o ilegal.

Um dos primeiros reis babilónios a governar sobre toda a região deixou uma longa e importante inscrição, gravada em pedra. É o livro de leis mais antigo do mundo e chama-se Código de Hamurabi. O nome pode parecer ter sido tirado de um livro de contos, mas as leis nada têm de fabuloso, são rígidas e justas. Por isso, vale a pena lembrar quando viveu o rei Hamurabi: cerca de 1700 a.C., quer dizer, há cerca de 3700 anos atrás.



I Foi nesta parte do mundo, entre a Mesopotâmia e o Egípcio, que teve início a história da humanidade, com batalhas sangrentas e viagens arriscadas dos navios mercantes fenícios. À medida que fores lendo os próximos capítulos, podes voltar atrás para observar este mapa.

O princípio da noite estrelada



Se calhar até concordas que as migrações de povos foram uma espécie de tempestade de relâmpagos, mas talvez fiques surpreendido ao ouvir-me dizer que a Idade Média foi como uma noite estrelada. Deixa-me explicar. Já alguma vez ouviste as pessoas falar da Idade das Trevas? É o nome que se dá ao período que se seguiu à queda do Império Romano, quando eram muito poucas as pessoas que sabiam ler ou escrever e quase ninguém sabia o que se passava no mundo. Por causa disso, as pessoas adoravam contar umas às outras toda a espécie de histórias estranhas e maravilhosas e eram muito supersticiosas. A época também era de «trevas» porque as casas eram muito pequenas e escuras, e porque as ruas e estradas que os Romanos tinham construído estavam em declínio e deterioradas, e os acampamentos e as cidades se tinham transformado em ruínas cobertas de ervas. Aquelas boas leis romanas foram esquecidas e as belas estátuas gregas ficaram reduzidas a estilhaços. Tudo isto é verdade e, no fundo, não é de espantar, por causa daquelas agitações terríveis e dos anos de guerra das migrações.

Só que nem tudo eram trevas, havia mais coisas. Aquele tempo pareceu-se mais com uma noite estrelada. Acima de todo o medo e incerteza, em que as pessoas ignorantes viviam como crianças no escuro — com medo de bruxas e feiticeiros, do Diabo e de espíritos malévolos —, acima de tudo isso havia um céu iluminado pelas estrelas de uma nova fé, que lhes mostrava o caminho. Assim como não te perdes com tanta facilidade na

floresta se conseguireis ver as estrelas da Ursa Maior e a Estrela Polar, as pessoas também já não se sentiam perdidas, por muito que tropeçassem no escuro. As pessoas passaram a ter certeza de uma coisa: Deus deu alma aos homens, e aos olhos de Deus eram todos iguais, tanto os pedintes como os reis. Isso queria dizer que já não podia haver escravos, que os seres humanos já não podiam ser tratados como coisas. Esse Deus único e invisível, criador do mundo, que com a sua misericórdia salvava a humanidade, pedia que as pessoas fossem bondosas. Claro que, naquela época, não havia só pessoas boas. Havia tantos guerreiros cruéis, selvagens, brutais e impiedosos em Itália como nas terras onde viviam os povos germânicos, que tinham um comportamento traiçoeiro, impiedoso e sanguinário. Só que quem se comportava assim nesta época ficava com uma consciência mais pesada do que no tempo dos Romanos. As pessoas sabiam que estavam a ser malvadas e recebavam a ira de Deus.

Havia muita gente que queria viver em completo acordo com a vontade de Deus. Deixavam a agitação das cidades e das multidões, onde havia sempre a tentação para fazer o mal, e, como os eremitas da Índia, retiravam-se para o deserto para rezar e fazer penitência. Essas pessoas foram os primeiros monges cristãos. Começaram por aparecer a oriente, no Egipto e na Palestina. Para muitos deles, o mais importante era fazer penitência. Aprenderam algumas coisas sobre isso com aqueles sacerdotes indianos que, como te deves lembrar, tinham formas especiais de se torturar a si próprios. Alguns desses monges sentavam-se no cimo de pilares enormes no centro das cidades, onde, mal se mexendo, passavam a vida a meditar sobre os pecados da humanidade. O pouco que comiam tinha de ser içado num cesto. Sentavam-se nos pilares, acima de toda a confusão, na esperança de ficarem mais próximos de Deus. As pessoas chamavam-lhes Estilitas, o que quer dizer santos dos pilares (da palavra grega *stylos*, que significa pilar).

No Ocidente, em Itália, havia um homem santo que, como Buda, não conseguia encontrar paz interior na vida solitária dos

ascetas. Era um monge de nome Bento, que quer dizer o Abençoado. Estava convencido de que Cristo não queria só penitência. Não basta ser-se bom, é preciso fazer o bem. Para se fazer o bem, de nada serve estar sentado em cima de um pilar. É preciso trabalhar. Por isso, o lema de Bento era: rezar e trabalhar. Formou uma comunidade com mais alguns monges que pensavam como ele e pôs em prática esta regra. Este tipo de comunidade monástica costuma chamar-se Ordem, e a de Bento foi baptizada com o seu nome, a Ordem dos Beneditinos. Estes monges viviam em mosteiros e quem se quisesse tornar membro da Ordem para o resto da vida tinha de fazer três votos: não possuir nada; não se casar; e obedecer ao superior do mosteiro, o abade, em todas as coisas.

Depois de fazer os votos, os monges não só rezavam — embora se levassem muito a sério as preces e se celebrasse missa várias vezes ao dia — como também se esperava que praticassem o bem. Só que, para isso, era preciso ter alguma capacidade ou conhecimento. Por esta razão, os monges beneditinos foram as únicas pessoas daquela época a preocuparem-se com o pensamento e as descobertas da Antiguidade. Reuniram todos os rolos e manuscritos antigos que conseguiram encontrar para poderem estudá-los e faziam cópias para que outras pessoas também os pudessem ler. Durante muitos anos seguidos, encheram as páginas de volumes de pergaminho espesso com caligrafia fina e fluida, copiando não só bíblias e vidas de santos, mas também poemas gregos e latinos antigos. Se não fosse pelo esforço destes monges, hoje em dia pouco conheceríamos desses poemas. Para além disso, copiavam com afã e vezes sem conta obras da Antiguidade sobre ciências naturais e agricultura e tinham muito cuidado para não cometer erros. Depois da Bíblia, o que mais lhes interessava era saber cultivar bem a terra, para conseguirem plantar cereais e fazer pão, não só para eles mas também para as pessoas pobres. Naqueles tempos sem lei, as estalagens que antes existiam ao longo dos caminhos quase tinham desaparecido, e quem se atrevesse a viajar tinha de procurar abrigo

num mosteiro. Os viajantes eram bem recebidos nesses sítios. Lá reinava o silêncio, o trabalho e a contemplação. Além disso, os monges davam aulas às crianças que viviam perto do mosteiro. Ensinavam-nas a ler e a escrever, a falar latim e a entender a Bíblia. Naquela época, os poucos mosteiros que havia eram os únicos sítios em que se ensinava e transmitia o conhecimento e, assim, a memória do pensamento grego e romano não desapareceu por completo.

Não era só em Itália que havia mosteiros destes. Os monges gostavam de construir os mosteiros em sítios ermos, longe das cidades, onde pudessem pregar o Evangelho, educar as pessoas e dar uso aos terrenos das florestas para cultivo. Muitos dos primeiros mosteiros foram construídos na Irlanda e em Inglaterra que, por serem ilhas, sofreram menos com a tempestade das migrações. Houve tribos germânicas que também se instalaram lá, como os Anglos e os Saxões, e a cristandade enraizou-se muito cedo nesses países.

Depois, os monges começaram a deslocar-se das Ilhas Britânicas para os reinos da Gália e da Germânia; pelo caminho, iam pregando e ensinando as pessoas. Ainda havia muitos germanos por converter, apesar de o líder mais poderoso desse povo ser cristão, nem que fosse só de nome. Chamava-se Clóvis e era da família merovíngia. Aos quinze anos tornou-se rei dos Francos e, com uma mistura de coragem, intriga e assassinato, conseguiu juntar e dominar metade da Germânia e grande parte do que hoje se chama França, que tem esse nome por causa da tribo a que ele pertencia.

Em 496, Clóvis foi batizado e mandou baptizar as pessoas da sua tribo, se calhar porque pensava que o deus cristão era um demónio poderoso que o havia de ajudar a atingir a vitória. Clóvis não era devoto. Os monges ainda tinham muito trabalho por fazer na Germânia, e, no fundo, acabaram por fazer imensas coisas. Fundaram mosteiros e ensinaram os Francos e os Alamanos a cultivar frutos e vinhas; provaram assim aos guerreiros bárbaros que a vida não era só força bruta e actos de valentia.

Um novo mundo



Aquilo a que até agora chamámos história do mundo é na verdade a história de metade do mundo. A maioria dos acontecimentos de que falámos tiveram lugar à volta do Mediterrâneo: no Egipto, na Mesopotâmia, na Palestina, na Ásia Menor, na Grécia, em Itália, na Hispânia e no Norte de África, ou não muito longe dessa região, na Alemanha, em França ou em Inglaterra. Demos uma vista de olhos ao Oriente, ao bem defendido Império da China e à Índia, que no período de que agora vamos falar era governada por uma família real muçulmana. Ainda não tivemos a preocupação de olhar para o que está a oeste da velha Europa, para lá de Portugal. Ninguém se interessava por esse território. Houve uns marinheiros nórdicos que avistaram uma vez uma terra inóspita, lá muito para oeste, mas deram logo meia volta porque não devia haver lá nada que valesse a pena. Eram poucos os marinheiros intrépidos como os Vikings, e quem é que se atrevia a cruzar o oceano desconhecido e se calhar sem fim, deixando para trás as costas de Inglaterra, França, Espanha ou Portugal?

Essa empresa aventureira tornou-se possível graças a uma nova invenção, que também — e quase que acrescentava «é claro!» — teve origem na China. Descobriu-se que um pedaço de ferro magnetizado pendurado e com liberdade de movimento se virava sempre para norte. Já deves ter adivinhado de que invenção se trata: a bússola. Os Chineses já utilizavam bússolas há muito tempo nas viagens pelos desertos; a notícia da existên-

cia de um tal instrumento mágico foi difundida pelos Árabes e acabou por chegar à Europa durante as cruzadas, por volta do ano 1200. Naquela altura, era raro utilizar-se a bússola. As pessoas ficavam intrigadas e assustadas com ela. Pouco a pouco, o medo foi dando lugar à curiosidade, e às vezes até a mais do que isso. Naquelas terras distantes podia haver tesouros, riquezas por descobrir, apesar de ninguém ainda se ter atrevido a cruzar o oceano ocidental. Era muito grande e desconhecido. O que é que podia estar do outro lado?

Houve um italiano de Génova chamado Colombo que era pobre, mas aventureiro e ambicioso, passava muito tempo a ler livros de geografia antigos e estava obcecado com essa ideia. Onde é que se podia ir dar se se navegasse para ocidente? Ora, ia-se dar ao Oriente. Então a Terra não era redonda como uma esfera? Assim se dizia em vários textos da Antiguidade. Se, navegando para ocidente, se percorresse metade do mundo e se chegasse às terras do Oriente, estava-se na China, nas fabulosas Índias, terras ricas em ouro, marfim e especiarias raras. Com a ajuda de uma bússola, era muito mais simples atravessar o mar do que fazer uma viagem longa e difícil por terra, atravessar desertos e assustadoras cordilheiras de montanhas, como fizera Alexandre, *o Grande*, e como faziam ainda as caravanas para trazer sedas da China para a Europa. Com a nova rota por mar, pensava Colombo, as Índias ficavam a alguns dias de distância e não a meses, como nas viagens por terra. Falava do plano que tinha a todas as pessoas que encontrava, mas elas riam-se e chamavam-lhe louco. Só que ele continuou a insistir: «Dêem-me barcos! Dêem-me *um* barco que seja e eu volto com ouro do fabuloso Oriente!»

Colombo partiu para a Espanha. Nesse país, em 1479, uniram-se pelo casamento os soberanos de dois reinos cristãos que estavam empenhados numa campanha impiedosa para expulsar os Árabes — que, como tu sabes, reinaram na Península Ibérica durante mais de setecentos anos —, não só da magnífica cidade de Granada, mas de todo o reino. Nem a corte

real portuguesa, nem a espanhola mostraram muito entusiasmo pelo plano de Colombo, mas puseram-no à consideração de estudiosos e marinheiros da famosa Universidade de Salamanca. Passados mais quatro anos de espera desesperante e de súplicas, Colombo ficou a saber que a Universidade lhe rejeitara o plano. Resolveu abandonar Espanha e tentar a sorte em França. Pelo caminho, encontrou por acaso um monge, que era nem mais nem menos que o confessor da rainha Isabel de Castela. Entusiasmado com o projecto de Colombo, o monge convenceu a rainha a conceder-lhe uma segunda audiência. Nessa altura Colombo quase estragou a oportunidade. A recompensa que ele exigia, caso o plano resultasse, não era pequena: queria ser armado cavaleiro, nomeado grande almirante e vice-rei (representante do rei) de todas as terras que descobrisse, ficar com um décimo de todos os impostos cobrados nessas terras, e muitas coisas mais. Como os monarcas espanhóis lhe recusaram o pedido, Colombo deixou Espanha e partiu logo para França. Se descobrisse terras, estas passariam a pertencer ao rei francês, hipótese que assustou Espanha. Os monarcas acabaram por ceder e voltaram a chamar Colombo. Aceitaram todas as exigências. Deram-lhe dois navios em más condições — não se perderia grande coisa caso se afundassem. Colombo alugou um terceiro.

Lá zarpou ele em direcção a ocidente, determinado a chegar às Índias Orientais. Partiu de Espanha a 3 de Agosto de 1492, mas teve de permanecer durante muito tempo numa ilha a reparar um dos navios. Depois voltou a partir e a avançar cada vez mais para ocidente... Só que continuava a não avistar as Índias! Os homens começaram a ficar impacientes. A impaciência transformou-se em desespero e eles quiseram voltar para trás. Colombo mentiu-lhes quanto à distância a que estavam de casa. Por fim, a 11 de Outubro de 1492, às duas da manhã, dispararam um canhão de um dos navios para avisar «Terra à vista!»

Colombo ficou todo orgulhoso e feliz. Até que enfim as Índias! As pessoas amistosas que encontraram na praia deviam

ser indianos, ou, como lhes chamaram os marinheiros espanhóis, «índios!» Como sabes de certeza, Colombo estava enganado. Não estava sequer perto da Índia; estava era numa ilha ao largo da América. Por causa deste erro, ainda hoje chamamos «Índios» aos nativos da América e «Índias Ocidentais» às ilhas onde Colombo desembarcou. A Índia verdadeira (ou Índias Orientais) ainda estava a uma longa distância, muito maior do que a que os separava de Espanha. Para chegar à Índia Colombo precisava de, pelo menos, mais dois meses, e era provável que ele e a tripulação acabassem por perecer sem nunca atingirem o objectivo. Mas Colombo estava convencido de que tinha chegado às Índias e tomou posse daquela terra em nome da Coroa espanhola. Mais tarde, por altura das últimas viagens que realizou, continuava a insistir que as terras descobertas por ele eram as Índias. Não conseguia admitir que a grandiosa ideia que tivera estava errada, e que a Terra era muito maior do que ele imaginava. A rota terrestre para as Índias era de longe mais curta do que a viagem através do oceano Atlântico e do Índico. Só conseguia pensar em ser vice-rei das Índias, a terra dos seus sonhos.

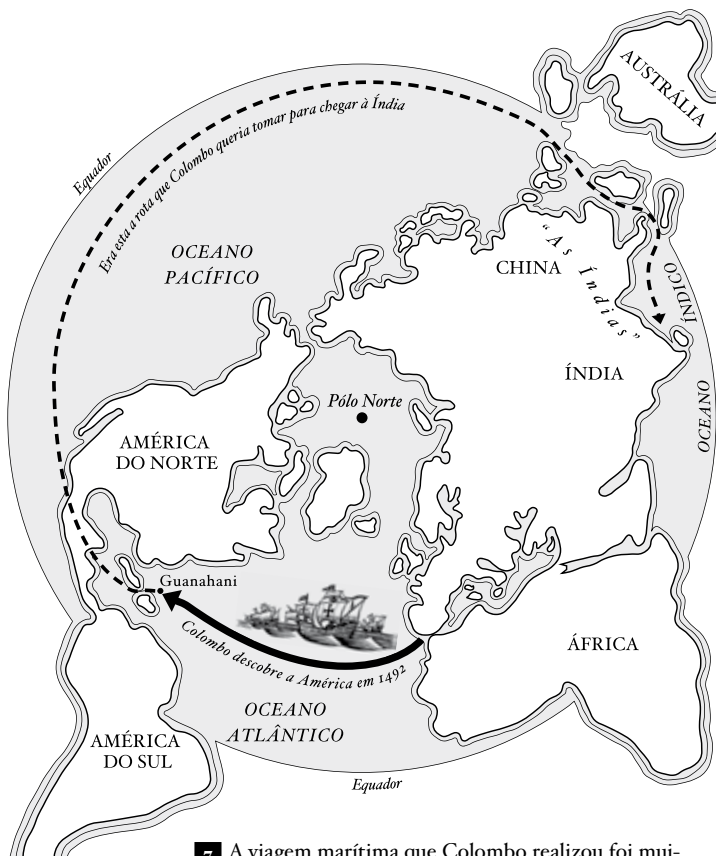
Se calhar já sabes que é a partir desta data, 1492 — o ano em que o caprichoso aventureiro Cristóvão Colombo descobriu por acaso a América só porque esta se encontrava no seu caminho —, que se diz ter começado a Idade Moderna. A data escolhida para marcar o princípio da Idade Média, 476, talvez pareça uma escolha mais óbvia. Foi nesse ano que caiu o Império Romano do Ocidente, assim como o seu último imperador, aquele que tinha um nome curioso: Rómulo Augústulo. Mas em 1492 não havia ninguém, nem sequer Colombo, que imaginasse que a viagem por ele realizada podia ter mais consequências do que descobrir-se uma fonte de ouro em terras desconhecidas.

É claro que, ao regressar, Colombo foi recebido como um herói. Mas durante as últimas viagens que realizou, a ambição, a ganância e a imaginação desgovernada de Colombo tornaram-no tão impopular que o próprio rei mandou deter o seu

vice-rei e almirante e trazê-lo acorrentado das Índias Ocidentais. Colombo guardou essas correntes para o resto da vida, mesmo depois de ter voltado a cair nas graças do rei, de voltar a possuir honra e riquezas. Foi um insulto que nunca havia de esquecer ou perdoar.

Os primeiros navios espanhóis em que viajaram Colombo e os seus companheiros descobriram apenas ilhas, com habitantes simples e de bom carácter que nada tinham para lhes oferecer. A única coisa que interessava aos aventureiros espanhóis era descobrir a fonte dos anéis de ouro que alguns desses habitantes usavam no nariz. Os nativos fizeram sinal para oeste, e assim se descobriu a América. No fundo, os Espanhóis andavam era à procura da terra imaginária do Eldorado. Estavam convencidos de que ela existia e imaginavam cidades inteiras cobertas de ouro. Estes conquistadores, como lhes chamavam, que partiam de Espanha em busca de novas terras para o rei e para se enriquecerem com o saque, eram tipos duros, não muito diferentes de piratas. Motivados por uma ganância insaciável que os levava para aventuras cada vez mais loucas, exploravam e enganavam os nativos sempre que podiam. Não havia nada que os fizesse parar, nem meios que fossem demasiado atrozes quando se tratava de encontrar ouro. Eram de uma bravura mas também de uma crueldade indescritíveis. O mais triste é que estes homens não só diziam que eram cristãos como afirmavam que todas as atrocidades cometidas contra os infieis eram pelo bem da cristandade.

Houve um conquistador em especial, Fernando Cortez, que fora estudante de direito e tinha uma ambição desmedida. Queria avançar para o interior daquelas terras e capturar todos os tesouros lendários que se dizia lá existirem. Em 1519, partiu da costa à cabeça de 150 soldados espanhóis, treze cavaleiros e alguns canhões. Os Índios nunca tinham visto um homem branco, e muito menos cavalos. Aterrorizados pelos canhões, ficaram convencidos de que os salteadores espanhóis eram poderosos feiticeiros, ou até mesmo deuses. Ainda assim,



- 7** A viagem marítima que Colombo realizou foi muito mais curta do que ele tinha pensado. Para comparares melhor as duas distâncias, olha para o globo como se estivesses no Pólo Norte.

fizeram muitas tentativas corajosas para se defender: de dia, atacavam quando os soldados estavam em marcha, à noite, atacavam os acampamentos. Desde o princípio, Cortez vingava-se de forma terrível, pegava fogo às aldeias e matava índios aos milhares.

Passado pouco tempo, surgiram mensageiros do poderoso rei de um reino mais para o interior. Imploraram-lhe que

Homens e máquinas



Metternich e os líderes devotos da Rússia, da Áustria, de França e de Espanha conseguiram fazer com que a vida voltasse a ser como era antes da Revolução Francesa, pelo menos à superfície. Voltou a instalar-se todo aquele esplendor e cerimónia das cortes, onde a nobreza se exibia, de peito coberto de medalhas e condecorações, e exercia muita influência. Os cidadãos foram excluídos da política, o que agradou a muitos deles. Ocupavam-se da família, de livros e, acima de tudo, da música. Nos cem anos anteriores, a música, que em tempos antigos servia mais para acompanhar a dança, canções e hinos, passou a ser uma arte que, mais do que todas as outras, apelava às pessoas. Contudo, este período de tranquilidade, esta época dominada pelo cidadão de classe média administrativo ou profissional, era só o lado visível das coisas. Havia um princípio do Iluminismo que Metternich não conseguia abafar, nem sequer pensou em fazê-lo. A ideia partira de Galileu: devia estudar-se a natureza de uma forma racional e matemática, o que muito agradou às pessoas na altura do Iluminismo. Na realidade, este aspecto menos conhecido do Iluminismo provocou uma revolução muito maior e atingiu os antigos costumes e instituições de uma forma muito mais fatal do que os jacobinos parisienses com a sua guilhotina.

Quando as pessoas passaram a dominar a matemática da natureza, não só começaram a compreender as forças naturais como também a usá-las. Essas forças estavam agora dominadas e podiam ser postas ao serviço da humanidade.

apoderou-se da Rússia soviética e o sistema político entrou em colapso, como nos outros países da Europa de Leste.

Acabei a história da Primeira Guerra Mundial com as palavras: «Todos nós temos esperança de que o futuro seja melhor, só pode ser melhor!» Será que esse futuro já chegou? Para muitos dos habitantes do planeta Terra, esse futuro ainda está muito longe. Entre as populações cada vez mais numerosas da Ásia, da África e da América do Sul reina a miséria que, até há pouco tempo atrás, era aceite como normal nos países ocidentais. Não há soluções fáceis porque nestes casos, como sempre, a intolerância e a miséria andam de mãos dadas. No entanto, os avanços na circulação da informação fizeram com que a consciência das nações ricas passasse a estar mais atenta. Sempre que um tremor de terra, uma inundação ou uma seca num país distante faz muitas vítimas, há milhares de pessoas nos países mais ricos que dão dinheiro e fazem esforços para enviar ajuda. Também isso não costumava acontecer no passado. Assim se prova que ainda temos direito à esperança num futuro melhor.

Índice Remissivo

- AACHEN: 159, 218
Abdullah: 147
Abednego: 124
Abissínia: 147
Aboukir: 270
Abraão: 43, 50-1, 147, 149
Abu Bakr: 151
Acrópole: 75-6, 313
Adolfo, Gustavo: 230, 232, 247
África: 30, 35-6, 42, 55, 104, 107,
114-5, 131-2, 152, 206, 252, 270,
295, 307-9, 322, 328
Agamémnon: 56
Agostinho, Santo: 215
Aix-la-Chapelle
 ver Aachen: 159
Ájax: 56
Akhenaton: 41, 57
Alá: 146, 149-51
Alamanos: 135, 143, 157
Alarico, rei: 134
Albaneses: 300
Albany: 281
Alcorão: 150-1, 270
Alemanha: 14-5, 17, 29, 30, 116, 127,
129, 135, 144, 152, 156-4, 166-7, 171,
176-81, 183-5, 189, 191, 193, 195,
197, 202-3, 206, 214-8, 221, 225,
229-32, 236, 241, 243, 245, 248, 250,
255, 257, 269, 271-6, 285, 297-304,
308-12, 318, 320-1, 324, 327
Alemão, Império: 188, 218, 246,
298, 304
Alexandre, o *Grande*: 101-3, 112, 153,
175-6, 207, 270
Alexandria: 95, 99-100, 125-6, 151
Alexandria, Biblioteca de: 100, 151
Aliados: 323
Alpes, travessia dos: 310
Alsácia: 304
América: 60, 209-10, 214, 218, 226,
227-8, 232, 237, 246, 252, 257, 270,
281, 289, 294, 296-7, 300, 307, 317,
323, 326-8
América, Estados Unidos da: 281,
296, 311, 318, 321-2
América Latina: 300
Anabaptistas: 220
Anglos: 143
Aníbal: 105-9, 167, 301, 310
Anticristo: 184
Antigo Testamento: 50, 53, 235
Antiguidade: 87, 137, 142, 158, 164,
179, 192, 198-9, 202, 207, 270, 295
Antonietta, Maria: 256, 260, 263,
265
Anúbis: 37, 52
Apolo: 71-2, 90, 239, 240
Aquiles: 56
Árabes: 146-7, 151-7, 168, 176,
183-4, 207, 225, 244, 313
Arábia: 146-7

- Aragão, Catarina de: 221
 Aristóteles: 92, 98, 153, 176, 195, 200
 Arles: 129
 Armada Invencível: 227, 312-3
 Armínio: 128
 Arquitetura: 69, 76
 Artur, rei: 175
 Árvore da Iluminação: 81
 Ásia: 30, 42, 60, 63, 65, 86, 94-5, 99, 110, 131-2, 175, 181, 185, 206, 243, 250, 289, 307, 309, 324, 328
 Ásia Menor: 60, 63, 65, 94-5, 99, 131-2, 175, 181, 206, 243
 Aspern: 272
 Assembleia do Povo: 102
 Assembleia Nacional: 263-4
 Assíria: 85, 95
 Assírios: 43-4, 46, 52, 58, 62
 Astarte: 46, 49
 Atálidas: 99
 Atena: 60
 Atenas: 60, 63-6, 69, 72-5, 90-1, 98-9, 121, 134-5, 197, 199, 201
 Ática: 60
 Átila: 135-6, 157, 159, 175
 Atlântico, oceano: 129, 209, 279
 Augusto, César Octaviano: 118, 120, 128, 134, 136, 199
 Augústulo, Rômulo: 136, 209
 Austerlitz: 271
 Austrália: 270, 297, 307, 312
 Áustria: 129, 157, 159, 163, 175, 188, 196, 204, 218, 221, 229-31, 244-6, 255-7, 263, 269, 271-3, 276, 278, 280, 287, 297-8, 300-3, 309-12, 318, 320
 Austríaco, Império: 256, 297, 311
 Ávaros: 157, 162-3, 185
 Avinhão: 193, 196
 BAAL: 46, 49, 52
 Babel, Torre de: 50, 183, 313
 Babenberg: 163
 Babilónia: 43, 47, 50, 52-4, 59, 62, 85, 95, 98, 122, 193
 Baco, *ver* Dioniso
 Bagdade: 44, 160
 Balança, Constelação de: 46
 Balcãs: 322
 Báltico, mar: 232
 Barbarossa, Frederico: 177, 180-1, 186, 189, 191, 199
 Bartolomeu, São: 225
 Bastilha: 262
 Bath: 129
 Bávaros: 157, 220, 276
 Baviera: 196, 255, 273-4, 298
 Bélgica: 194, 218, 226, 266, 269, 278, 309, 322
 Beneditinos: 12, 142
 Bento, São: 145
 Berezina, rio: 275
 Berlim: 272, 298, 305, 324, 327
 Berna: 159, 175, 204
 Berna, Dietrich de, *ver* Teodorico, rei
 Bíblia: 36, 43, 50-1, 120, 124-5, 142-3, 162, 176, 192, 195, 201, 217, 219, 220, 223, 235
 Bismarck: 302-5, 308
 Bizâncio: 132
 Bloqueio Continental: 272
 Blücher, general: 278, 281
 Boa Nova: 122, 124, 131, 192
 Boémia: 21, 188, 196, 217, 229, 231, 255, 303
 Bohr, Niels: 324
 Bolena, Ana: 221
 Bonaparte, Napoleão: 267-81, 298
 Borgonha, Ducado da: 204, 218
 Bósnia: 309

- Bouillon, Godofredo de: 175-6
 Brabante: 194
 Brama: 79
 Breslau: 185, 187
 Bretanha: 116, 131-2, 134, 144, 257, 270-1, 281, 285, 291, 296-7, 307, 309, 321-2, 324
 Britânicas, ilhas: 143
 Britânicos: 257, 270, 272, 274, 278-9, 291-5, 322, 324
 Bronze, Idade do: 33
 Brunswick: 298
 Bruto: 102, 117-8
 Bucéfalo: 93
 Buda: 80-3, 86, 88, 93, 130, 141, 223, 313
 Budapeste: 243
 Budismo: 22
 Búlgaros: 300
 Burgueses: 180, 182, 189-3, 195, 197, 204, 214, 226, 259, 287, 289

 CAABA: 147-9
 Caldeia: 50
 Calvino: 221, 223
 Cambises: 62-3
 Cataláunicos, Batalha dos Campos: 136
 Canal da Mancha: 168
 Canas: 107
 Canção dos Nibelungos: 175
 Canossa: 167-8, 183
 Cantão: 291
 Canuto: 164, 169
 Capeto, Hugo: 164
 Capitólio: 113
 Carlos, arquiduque: 272
 Carlos, *o Temerário*: 204, 218
 Carlos I de Inglaterra: 302
 Carlos Magno: 156-66, 175, 199, 215, 272-3, 292, 313, 321

 Carlos V da Alemanha: 196, 217-8, 221, 223, 225
 Carlos XII da Suécia: 274
 Carta de Liberdades *ver* Magna Carta
 Cartagineses: 105-8, 183
 Cartago: 104-5, 107-8, 114, 135, 313
 Castelos: 172, 178, 190, 195-6, 246, 313-4, 327
 Catão: 108, 264
 Catarina, *a Grande*: 15, 259
 Cativoiro Babilónico dos Papas: 193
 Católica, Igreja: 220-1, 223-4, 229-30, 257, 263
 Católicos: 223, 225-6, 229-30, 234
 Cavalaria: 170, 177, 188, 313
 Cavour, Camillo: 301-2
 Cem Anos, Guerra dos: 194, 203
 Cenis, Monte: 106
 César, Gaio Júlio: 116-8
 Chanceler de Ferro *ver* Bismarck
 Checos: 298, 311
 China: 23, 77, 83-8, 99, 109-10, 122, 128, 134, 162, 185, 203, 206-7, 289-92, 313, 317
 China, Grande Muralha da: 110, 313
 Chipre: 152
 Churchill, Winston: 323
 Cidade do Profeta (A), *ver* Medina
 Cimbros: 115, 134
 Cipião: 107
 Ciro: 62
 Cleópatra: 117
 Clóvis: 143
 Cnut, *ver* Canuto: 164
 Coliseu: 127
 Colombo, Cristóvão: 207-11

- Colônia: 129, 165
 Companhia de Jesus,
ver jesuítas
 Companhias das Índias
 Orientais: 228
 Confederação, Estados da: 257,
 294-5
 Confederação Germânica: 298,
 302
 Confúcio: 86-9, 109-11, 289
 Conímbriga: 129
 Conradino: 185
 Constança: 182, 217
 Constantino, imperador: 132, 215
 Constantinopla: 132, 134, 137-8,
 152, 160, 175, 221, 226, 243-4,
 246, 300
 Contra-Reforma: 224
 Controvérsia da Investidura: 166
 Copérnico, Nicolau: 234
 Coríntios: 121
 Corinto: 92-3, 108
 Córsega: 267-8, 271, 277
 Cortez, Fernando: 210
 Cossacos: 275
 Creta: 58-60
 Cristandade: 143, 160, 162-3, 165,
 167-9, 175, 182, 185, 202, 210
 Cristãos: 39, 83, 121-4, 127, 129,
 131-2, 138, 141, 144, 147, 149, 152,
 158-60, 166, 175-6, 183-4, 192,
 207, 210, 226, 246, 295, 300, 313
 Cristo, Jesus: 71, 80, 101, 120-1,
 122, 124, 135, 142, 147, 149, 160,
 175-6, 191, 216, 219, 224, 289
 Croatas: 298
 Cromwell: 236, 237
 Cruzadas: 79, 176, 189, 191-2,
 207, 298
- DÁCIA: 129
 Dacotas: 60
- Dalmácia: 131
 Daniel na Cova dos Leões: 124
 Danton: 264, 265
 Danúbio: 119, 126-30, 134, 175,
 243
 Dario: 63-5, 91, 98
 Darlington: 281
 David, rei: 51
 Defenestração de Praga: 229
 Delfos: 71-2, 90-1
 Deli: 317
 Demóstenes: 91
 Deus: 41, 49-53, 79, 120-2, 124,
 138, 141, 145-9, 160, 166, 173-5,
 191-2, 194, 198, 216-7, 219-20,
 235, 237, 253, 265, 273
 Dez Mandamentos: 52
 Diabo: 140, 232-3
 Dilúvio: 51
 Dinamarca: 250, 303, 322
 Diocleciano: 131
 Diógenes: 93
 Dioniso: 76
 Directório: 266, 268
 Direitos Humanos: 262, 266, 295
 Dórios: 60, 70, 72, 78, 100, 115,
 157
 Drácon: 73
 Duque de Alba: 226
 Dürer, Albrecht: 205
- EGIPTO, ANTIGO: 35-9, 42-3, 45,
 47, 49, 51, 59, 62-3, 65, 78, 84,
 94-5, 99, 117, 122, 131-2, 141,
 151-2, 206, 243-4, 270, 307
 Elba: 165, 276, 278
 Eldorado: 210
 Emigração (A), *ver* Hégira
 Eneias: 101
 Entente: 310
 Eólios: 60, 70
 Equador: 317

- Escócia: 226, 237
 Escultura: 69, 118
 Eslavos: 157, 159, 161
 Eslovacos: 298, 311
 Eslovenos: 298
 Espanha: 129, 206-13, 218, 221, 225-7, 231, 237, 242-3, 272, 280, 300, 312
 Esparta: 60, 72-3, 90, 99
 Espártaco: 116
 Estalinegrado: 323
 Estilitas: 141
 Estíria: 269
 Estrasburgo: 241
 Etzel: 159
 Eufrates, rio: 42, 126
 Eugénio de Sabóia, príncipe: 245
 Europa: 35, 58, 162-3, 176, 182, 185, 187-9, 192, 203, 206-7, 214, 218, 228, 231, 237-8, 240-1, 243, 246-7, 250, 256, 263, 271-3, 276-7, 279, 281, 289-94, 297, 299-300, 305, 307, 309, 322-3, 326-8
 Evangelho: 122, 131, 143-4, 216
 Êxodo: 51
 FARAÓ: 36-41, 51, 57, 63, 84, 95, 239
 Fenícia: 94-5
 Fenícios: 55, 58, 60-1, 86, 104, 112, 183, 192, 203, 227, 313
 Fernando I da Áustria: 288
 Fídias: 75
 Filipe da Macedónia: 91
 Filipe II de Espanha: 225-7, 243, 312
 Filisteus: 51
 Filosofia: 74-5, 121
 Florença: 179, 197, 199-202, 205, 215, 313
 Força Aérea Alemã: 323
 França: 106, 116, 129, 143, 152, 156-7, 159, 161, 164, 168, 171, 175-6, 179, 181, 193-4, 197, 202, 206, 208, 214, 218, 221, 225, 228, 230-1, 237-8, 241-2, 246, 253, 255-6, 259-67, 269-76, 278, 280, 285, 287, 298, 300, 302, 304, 309, 312, 321-2
 Francisco I da Áustria, imperador: 272-3, 297, 301, 303
 Francisco I da França: 218, 223
 Francisco José I da Áustria, imperador: 303
 Francos: 135, 143-4, 146, 152, 156-60
 Frankfurt: 298
 Franklin, Benjamin: 257
 Frederico, duque da Saxónia: 218
 Frederico I da Prússia, *ver* Barbarossa, Frederico
 Frederico, o Sábio: 219
 Frederico Guilherme I da Prússia: 255
 Frederico II da Prússia: 181-2, 184-6, 193, 255
 Führer: 320
 Fulton, Robert: 281
 GABRIEL, ARCANJO: 147-8
 Gaio Júlio César: 116
 Gália: 116-7, 127, 132, 134-6, 143
 Galileu Galilei: 234-5, 253, 280
 Ganges: 96
 Garibaldi: 301-2
 Gaugamela, Batalha de: 95
 Gautama, príncipe: 80-1
 Gelo, Idade do: 31-2
 Genebra: 221
 Gengis Khan: 185
 Génova: 179, 207
 Alemanha: 131, 143-4

- Germanos: 116, 127-8, 134, 137, 144
 Gladiadores: 116, 118, 127
 Godos: 134, 137-8, 175, 192
 Górdio, nó: 94
 Grã-Bretanha: 144, 270-1, 281, 307, 309, 321-2
 Graco, irmãos: 114
 Granada: 207
 Grécia: 56-8, 60, 63, 65-7, 70-2, 78, 90-1, 95, 99, 101, 108, 115, 132, 157, 206, 239, 243, 264
 Gregório VII, papa: 166, 168, 182-3
 Guelfos: 181
 Guerra Civil Americana: 296
 Guerra Mundial, Primeira: 317-8, 321, 327-8
 Guerra Mundial, Segunda: 323-4
 Guibelinos: 181
 Guildas: 190, 197, 282, 287
 Guilherme I da Prússia: 255, 302, 304
 Guilherme II da Prússia: 169, 305
 Guiscard, Robert: 168
 Gutenberg: 203
- HABSBURGO, FRANCISCO DE, *ver* Francisco I da Áustria, imperador
 Habsburgo, Maria Luísa de: 273
 Habsburgo, Rodolfo de, *ver* Rodolfo I da Germânia: 189
 Habsburgos, casa dos: 188, 204, 218, 229, 231, 255, 273
 Hagen: 159
 Hamurabi, Código de: 44
 Hamurabi, rei: 44, 50-1, 58
 Han: 110, 289
 Hanôver: 298
 Harun al-Rachid, califa: 160
 Hastings, Batalha de: 169
- Héginga: 149
 Heidelberg: 29-30
 Helena de Tróia: 56, 279
 Helvéticos: 116
 Henrique, duque da Saxónia: 163, 218
 Henrique IV da Germânia: 166, 168, 171, 182-3
 Henrique VIII de Inglaterra, rei: 221, 223, 226
 Hércules: 239
 Hieróglifos: 39-41, 44, 54, 57
 Hildebrando: 166
 Hiroxima: 325
 Hispânia: 55, 104, 106-7, 117, 126, 131-6, 157, 206
 Hitler, Adolf: 318-22, 324
 Hofer, Andreas: 273
 Hohenstaufen: 177, 181-2, 185, 188
 Hohenzollern: 255, 272
 Holanda: 214, 218, 226, 241, 246-7, 271, 322
 Homero: 57, 60, 92
 Hong Kong: 317
 Hudson, rio: 20, 281
 Huguenotes: 225
 Hungria: 129, 136, 163, 185, 221, 229, 231, 243-5, 255, 297, 312
 Hunos: 134-7, 157, 159, 162, 179, 185
 Huss, João: 217
- IBÉRICA, PENÍNSULA: 152, 207
 Iconoclastas: 220
 Idade Média: 137, 139-40, 189, 198, 205, 209, 232, 282, 287, 292, 300, 319
 Idade Moderna: 209
 Iluminado (O), *ver* Buda
 Iluminismo: 253-5, 257, 259, 262, 276, 280, 319

- Império Otomano: 243
 Império Romano: 101, 115, 117,
 119, 122, 126, 131-8, 140, 151-3,
 156, 160-61, 199, 209, 221, 228,
 243, 246, 272, 298
 Império Romano do Ocidente:
 136-7, 209
 Independência Americana,
 Guerra da: 257
 Índia: 63, 77-8, 80, 86, 96, 98-9,
 102, 141, 152, 172, 206, 209, 214,
 226-8, 237, 246, 270, 281, 289,
 297, 307, 317
 Índico, Oceano: 209
 Índios: 60, 209-2, 252, 294
 Indo, Vale e Rio do: 77, 96, 98
 Indochina: 307
 Indústria: 241, 324
 Inferno: 148, 150
 Inglaterra: 20-1, 44, 116, 129, 143,
 158, 164, 168, 171, 176, 179, 181-2,
 193-4, 202, 206, 214, 221, 226-8,
 236-8, 246-7, 250, 253-4, 281-2,
 284, 290, 294, 302, 313, 320-3
 Inocêncio III, papa: 182-3
 Inquisição: 235
 Iraque: 42, 44
 Irlanda: 143, 237
 Isabel de Castela: 208, 218
 Isabel I de Inglaterra, rainha: 226
 Ishtar: 46
 Ísis: 37, 49, 129
 Islão: 149
 Isolda: 175
 Israel: 51-2
 Isso, Cidade de: 30, 49, 63, 69,
 82, 94, 141, 177, 179, 303
 Istambul: 65, 132
 Itália: 26, 35, 55, 101, 104, 106-9,
 115, 117, 132, 134-41, 143, 157-9,
 161, 165, 167-8, 176-84, 189,
 193-4, 197, 199, 202-3, 206, 218,
 238, 267-9, 271, 297-9, 301-2,
 304, 308, 310, 321
 Ivan, o *Terrível*, czar: 246
 JACOBINOS: 264-5, 268
 Japão: 83, 289, 292-4, 308, 321,
 325-6
 Japoneses: 292-4, 308, 321-2, 324
 Jerusalém: 51-2, 54-5, 62, 124, 160,
 175-6, 184, 191, 298, 317, 319
 Jerusalém, Templo de: 52
 Jesuítas: 224, 233, 289, 320
 Joana D'Arc: 194
 João de Inglaterra: 236
 Jogos Olímpicos: 71
 Jónicas, ilhas: 60
 Jónios: 60, 70, 74, 100, 157
 José, filho de Jacob: 51
 José II da Áustria, imperador:
 257, 261
 Josué: 235
 Judeia: 52
 Judeus: 50, 52-4, 62, 112, 120, 122,
 124, 147, 192-3, 201, 313, 319
 Júlio César: 116-8
 Júpiter: 113
 Justiniano: 138
 Justiniano, Corpo de Leis Civis:
 138
 KARA MUSTAFÁ, GRÃO-VIZIR:
 244
 Königgrätz, Batalha de: 303
 Kremlin: 275
 Kriemhild: 175
 Kung Fu-Tsé, *ver* Confúcio
 Kyffhäuser, montanhas: 186
 LAO-TSÉ: 88, 109
 Lapónia: 32
 Leão, o Grande, papa: 136, 163
 Leipzig: 276

- Lenine: 311, 320
 Leoben: 269
 Leonardo da Vinci: 200, 233-4, 310
 Lepanto, Batalha de: 226
 Licurgo: 72
 Limes: 128
 Lincoln, Abraham: 295-6
 Línguas indo-europeias: 77
 Linz: 244
 Lohengrin: 175
 Lombardia: 139
 Lombardos: 139, 157, 160, 165
 Londres: 19, 37, 40, 312
 Lorena: 304
 Lorenzo de' Medici: 202
 Loyola, Inácio de: 223-4
 Luftwaffe: 323
 Luís XIV de França, rei: 238-43, 245, 282, 314
 Luís XV de França, rei: 259
 Luís XVI de França, rei: 256, 259, 261, 263-4, 278, 302
 Luís XVIII de França, rei: 278, 287
 Luteranos: 220, 223
 Lutero, Martinho: 215-24, 313
 Luxemburgo: 196
- MACEDÓNIA: 91, 132
 Macedónios: 90-1, 99
 Magiares: 163-4, 185
 Magna Carta: 182, 236-7
 Mainz: 165, 181, 186
 Manfredo: 185
 Manifesto Comunista (O): 287
 Maomé: 146-52, 270, 320
 Maratona: 64-6, 68
 Maratona, Batalha de: 69
 Marco Aurélio: 130, 134
 Maria Luísa de Habsburgo: 273
 Maria Teresa da Áustria, imperatriz: 256-7, 260, 314
- Mário: 115, 131
 Marne, Rio: 310
 Marte: 47, 101-2
 Martel, Carlos: 152, 154, 156, 245
 Marx, Karl: 285-7, 305, 311
 Mary Stuart: 226, 236
 Maxêncio: 132
 Maximiliano de Habsburgo: 204-5, 217
 Máximo, Quinto Fábio: 107
 Mazarin, cardeal: 238
 Meca: 147-52
 Medici: 201-2, 215
 Medina: 149-50
 Médio Oriente: 42
 Mediterrâneo, mar: 206
 Menelau: 56
 Menés, faraó: 35-6, 41, 51
 Mercenários: 105, 205
 Mérida: 129
 Merovíngios: 146, 152, 156, 292
 Mesaque: 124
 Mesopotâmia: 42-5, 49, 51, 55, 62, 77, 99, 160, 206, 243-4
 Messias: 52, 125, 192
 Metternich: 276, 279-81, 287
 México: 212-3, 303, 313, 317, 323
 Micenas: 57, 59-60
 Migrações: 135, 140, 143, 152, 157, 159, 313
 Mikado: 293
 Milão: 179-80
 Milcíades: 64-5, 68, 74
 Mil e Uma Noites (As): 153-4
 Minotauro: 59
 Mirabeau: 261
 Mitra: 129
 Mohenjo-Daro: 77
 Moicanos: 60
 Moisés: 51, 124, 149
 Mongóis: 185, 187
 Montezuma: 212-3

Morse, Samuel: 282
 Moscovo: 274-5, 314
 Munique: 298
 Murten: 204

 NABUCODONOSOR: 47, 52, 73, 99
 Nagasáqui: 325
 Napoleão, Código: 271
 Napoleão III da França, imperador: 298, 301-4
 Nápoles: 185, 271-2
 Neander, vale de: 29
 Neandertal, Homem de: 30
 Negro, Mar: 132, 295
 Nelson, almirante: 270, 272
 Nero, imperador: 122-4, 127, 192, 235, 246
 Nestor, o Sábio: 56
 Nilo, Rio: 35-6, 38, 40, 95, 126
 Nîmes: 129
 Nínive: 43, 95, 160
 Nirvana: 82
 Noé: 51
 Normandia: 161, 168-9, 324
 Norte, Mar do: 165
 Norte, Pólo: 211
 Noruega: 164, 249-50, 322
 Nova Iorque: 281, 317

 OCIDENTE: 96, 132, 134, 136-7, 141, 209, 246
 Odin: 144
 Odoacro: 137
 Oeste Americano: 60
 Olímpia: 70-1
 Olimpíadas: 71, 101, 149
 Omar, califa: 151-2
 Oriente: 42, 68-9, 80, 85, 95-6, 98, 132, 137-8, 151-3, 160, 176, 189, 206-7, 221, 243, 246, 270

 Ostrogodos: 137-8
 Otto, *o Grande*: 163-5
 Otto II, rei: 163

 PACÍFICO, OCEANO: 308
 Pagens: 172
 Países Baixos: 144, 218, 221, 226
 Palestina: 95, 120, 132, 141, 151, 175, 206, 243
 Papin, engenheiro: 281
 Paquistão: 77
 Paraíso: 123, 150
 Paris: 179, 195, 240, 243, 262-5, 268-70, 275-6, 278, 287, 304, 309-10, 312, 314
 Páris: 56
 Parlamento: 218, 236, 295, 302
 Parménio: 95
 Parsifal: 175
 Passau: 165, 244
 Paulo, São: 121-2
 Pearl Harbor: 322
 Pedra, Idade da: 31, 33
 Pedro, *o Grande*, czar: 246-8, 250
 Peloponeso: 60, 90
 Peloponeso, Guerra do: 90
 Penélope: 56
 Pepino, rei: 156-7
 Pequim: 185, 292, 314
 Péricles: 74, 76, 90, 135, 198, 201
 Persas: 62, 64-9, 72, 74, 76-7, 94-5, 98, 132, 153-4
 Pérsia: 63, 91, 94-5, 98-9, 122, 131, 151-2, 185, 250
 Pérsico, golfo: 42-3, 50
 Piemonte: 301
 Pilatos, Pôncio: 120
 Pintura: 38-9, 59, 69, 75, 196, 202
 Pirâmides: 37, 42, 51, 270, 312-3
 Pirro: 104
 Pisa: 179
 Plateia, Batalha de: 68

- Poesia: 69, 76, 92, 103, 118, 174, 183, 292
 Poitiers, Batalha de: 152, 245
 Polacos: 298, 312
 Polónia: 185, 248-9, 322
 Pólvora: 203, 205, 292
 Poros, rei: 96
 Portugal: 129, 206, 312
 Portugueses: 214
 Praga: 195-6, 217, 229
 Pré-História: 30-3, 42, 137
 Príamo, rei: 56
 Protestantes: 220, 225-6, 229-33, 235-6, 243, 255, 257
 Províncias romanas: 112
 Prússia: 255-6, 263, 271, 274, 298, 302-4
 Prussianos: 272, 302
 Ptolomeus: 99
 Púnicos: 104
 Puritanos: 236
- QIAN LONG: 290
 Qin Shi Huangdi: 109-11, 128
 Quéops, faraó: 36, 38, 40, 43
 Quéops, Grande Pirâmide de: 36, 43
 Queroneia, Batalha de: 91
 Queruscos: 128
- RAFAEL: 216
 Ravena: 137-8
 Razão: 265
 Reforma: 217, 224
 Regensburg: 129
 Reinado do Terror: 265
 Remo: 101
 Renascimento: 199, 232, 252
 Reno, rio: 116, 119, 127-9, 134-5, 165, 232, 269, 303
 Revolução Francesa: 266, 268, 280, 282, 304
- Ricardo, Coração de Leão, rei de Inglaterra: 181
 Richelieu, cardeal: 231-2, 237-8
 Robespierre: 264-5, 268
 Rodolfo I da Germânia: 189
 Rodolfo IV, *o Fundador*: 196
 Roma: 101-8, 112-7, 121-30, 132, 134, 136, 138, 144, 149, 159-60, 166, 193, 199, 202, 215, 218, 264, 271-3, 302, 304, 312, 321
 Romanos: 77, 101-8, 112-8, 122, 124, 127-30, 134, 140-1, 149, 153, 156, 158, 179, 183, 192, 202-3, 252, 313
 Roménia: 129, 131
 Rómulo: 101, 136, 209
 Roseta, Pedra de: 40
 Roundheads: 236
 Rússia: 246-9, 256, 259, 271, 274-75, 280, 298, 300, 308-9, 311, 320, 322, 324, 328
 Russo, Império: 300, 307
- SAARA, DESERTO DO: 307
 Sabóia: 245
 Sacro Império Romano-Germânico: 160-1, 272, 298
 Sadraque: 124
 Sagradas Escrituras: 191
 Salamanca, Universidade de: 208
 Salamina, Batalha de: 69
 Salamina, Ilha de: 66, 69, 76
 Salomão: 51-2, 55, 59
 Salzburgo: 129
 Samarcanda: 95
 San Geronimo de Yuste, Mosteiro de: 221
 Santa Helena, ilha: 279
 Santa Sofia, Catedral de: 138
 Santo Graal: 175
 Santo Sepulcro: 183, 298

- São Pedro, Igreja de: 215, 232, 312-3
 São Petersburgo: 247
 Sarajevo: 309
 Sardenha: 301
 Saul, rei: 51
 Saxões: 143, 158, 220
 Saxónia: 163, 218, 255, 257, 274, 298
 Schliemann: 57-8
 Schönbrunn, Palácio Imperial de: 273, 297
 Sedan: 17, 304
 Segunda Guerra Mundial: 323, 324
 Selêucidas: 99
 Sena, Rio: 281
 Sérvia: 309
 Sérvios: 298, 309
 Sete Anos, Guerra dos: 257
 Sibéria: 185, 300
 Sicília: 90, 104-7, 135, 152, 168, 181-6, 193
 Siegfried, o Matador de Dragões: 159, 175
 Sila: 115, 131
 Silésia: 256-7
 Siracusa: 90
 Sobieski, Jan: 245
 Solimão, *o Magnífico*, sultão: 243
 Sólon: 73
 Sri Lanka: 83
 St. Germain, Palácio de: 312, 321
 Stephenson, George: 281
 Stockton: 281
 Stralsund: 248-9
 Suábia: 196
 Sudeste Asiático: 83
 Suécia: 164, 230, 232, 241, 247-9, 255-6, 271, 274
 Suecos: 230
 Suevos: 135, 157
 Suíça: 116, 188, 204, 266
 Sumérios: 43-4, 46-7, 77
 Svatopluk: 161
 Sydney: 317
 TAIPING, REVOLUÇÃO: 291
 Tamisa, Rio: 37
 Tao: 88-9
 Tariq, general: 152
 Tarquínio, *o Soberbo*: 102
 Tártaros: 244
 Távola Redonda, Cavaleiros da: 175
 Teatro: 69, 76
 Temístocles: 66, 68, 74, 199, 264
 Teodora (esposa de Justiniano): 138
 Teodorico, rei: 137-8, 159, 175
 Termópilas, Batalha de: 66, 72
 Teutoburgo, Batalha da Floresta de: 128
 Teutões: 77, 115, 134
 Tibete: 83
 Tigre, Rio: 42
 Tiro: 54-5, 94
 Tirol: 224, 273, 298, 310
 Tito: 124
 Toulon: 268
 Tours: 152, 245
 Tours, Batalha de: 152
 Trafalgar, Batalha de: 272
 Trajano: 129-30, 134
 Trento, Concílio de: 224
 Trevas, Idade das: 140
 Trianon: 312
 Tribunal do Povo: 264
 Tribunal Revolucionário: 264, 266
 Trier: 129, 165, 285
 Trinta Anos, Guerra dos: 231, 233, 236-7, 243, 247, 255, 314, 317
 Tristão: 175

- Tróia: 56-8, 101, 123, 175
 Tróia, Guerra de: 175
 Turco, Império: 299
 Turcos: 221, 225, 243-6, 248, 251, 300, 314
 Turquia: 248-50, 300, 309
- ULISSES: 56, 60
 Ur: 43, 50-1, 77
 Ursa Maior: 46, 141
- VÂNDALOS: 135
 Veneza: 179, 243, 252
 Venezianos: 300
 Vénus: 47, 56
 Verona: 179
 Versalhes: 240-1, 243, 263, 304, 312, 314, 321
 Versalhes, Tratado de: 321
 Vespasiano: 124
 Vestefália: 273
 Victor Emanuel, rei: 301
 Viena: 19, 21, 27, 129-30, 175, 196, 221, 229-30, 243-6, 255, 269, 272-3, 276, 278-9, 287, 297, 314, 320
 Viena, Universidade de: 19, 320
 Vikings: 161, 206
- Vindobona: 130
 Visigodos: 134, 136, 152
- WACHAU: 163
 Wagram: 273
 Wallenstein: 230-1
 Wartburg: 219-20
 Washington, George: 257
 Waterloo: 278
 Watt, James: 281
 Welf: 181
 Wellington, duque de: 278
 Westminster: 237
 Widukind: 158
 Wilson, presidente: 311-2, 318
 Wittenberg: 215, 218
 Worms, Dieta de: 218
 Württemberg: 196
- XANGAI: 291
 Xerxes: 65, 68, 91
- YBBS: 129
- ZEDEQUIAS, REI: 52
 Zeus: 70
 Zurique: 220
 Zwingli: 220, 223

O Autor

E.H. Gombrich nasceu em Viena, em 1909, e faleceu no dia 3 de Novembro de 2001, em Londres. Autor do clássico internacional *A História da Arte* e de outros *bestsellers*, foi talvez o historiador de arte mais conhecido do seu tempo.

Em 1936 foi trabalhar para Londres a convite do Instituto Warburg, de que mais tarde se tornou director. Também trabalhou para a BBC e foi professor de História da Tradição Clássica na Universidade de Londres.

Entre as muitas honras com que foi agraciado, estão o Prémio Erasmo, o Prémio Hegel, o Prémio Wittgenstein e o Prémio Goethe. Em 1972 foi armado cavaleiro e, em 1998, recebeu a Ordem de Mérito da Grã-Bretanha.